

**TUTU, Desmond. Deus não é cristão e outras provocações. Trad. L. Jenkino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012, 234 p.**

Paulo Henrique Martinez\*

O arcebispo da Igreja Anglicana na África do Sul, Desmond Tutu, é figura conhecida e expressiva do pensamento africano contemporâneo. O pensamento político cristão, antes de tudo. Estamos distantes da Democracia Cristã, organizada e propagada na Europa após a derrota do nazifascismo? Sim, mas nem tanto. No Velho Mundo, como na África do Sul, o desafio político estava na reconciliação de nações e comunidades cindidas pela guerra, a destruição, a morte e ódio mútuo entre populações que conviveram ao longo dos séculos nos mesmos espaços. Ainda que estes fossem territórios pontilhados pelas rivalidades na definição de fronteiras nacionais e, anteriormente, pelas disputas dinásticas e religiosas dentro do próprio cristianismo e fora dele.

Tutu emergiu como liderança religiosa e, posteriormente, ética, social e política, em meados da década de 1970, sob o regime segregacionista na África do Sul. O tristemente célebre *apartheid*. Ele foi um crítico perseverante dos governantes deste regime. A perseguição e a repressão aos opositoristas fizeram com que a Igreja Anglicana assumisse esse protagonismo nas campanhas contra o *apartheid*. O violento massacre de manifestantes pela polícia em Soweto, em 1976, atesta o grau de conflito e de intolerância reinantes nos governos racistas naquele país. Somente na década de 1980 as manifestações opositoristas voltaram às ruas. Em fevereiro de 1990, o regime entregava a liberdade aos presos e exilados políticos. Nelson Mandela tornou-se o mais célebre deles.

Em seu novo livro lançado no Brasil, Desmond Tutu nos fornece conjunto diversificado de textos que tratam das experiências vividas nestes anos, sobretudo no pós-*apartheid* e no fim da Guerra Fria. São sermões, mensagens, declarações, artigos de jornal, conferências e discursos. Neles podemos conhecer o melhor do seu pensamento e a sua atuação pública. A leitura é amena, proveitosa e esclarecedora da vida de uma nação e de um indivíduo na passagem do século XX para o seguinte e também na construção de uma África do Sul não racista e democrática. O regime segregacionista erodiu enquanto a democracia e a melhoria da qualidade de vida da população apresentaram desempenhos insatisfatórios e

---

\* Professor no Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP.

limitados na opinião de Tutu. Ou seja, o livro trafega dos momentos de esperança até uma indisfarçável frustração, nascida da perda de oportunidades de uma efetiva nova era na história sul-africana. Passaram-se dezoito anos de vida democrática, desde a eleição de Mandela, para presidente da República, em 1994.

O livro está organizado em quatro partes e em 16 capítulos. São páginas que permitem conhecer as ações deste inconformista avesso às confrontações, segundo as palavras do próprio Tutu, em busca da paz e da justiça, movidas pela fé e a tolerância. O nosso século guarda muitas semelhanças com o século XIX. Estas podem residir tanto no fascínio pelos espetáculos da tecnologia em luz, cores e sons, quanto na presença da religião na vida social e política do século XXI. Há uma simbiose na qual o desejo do novo se associa ao temor das incertezas e do desamparo que acompanham o séquito da modernização capitalista nos vistosos carros da pobreza, do desemprego, da violência, da guerra e da fome. Na página 24, diz Tutu, vivemos hoje sob a busca desesperada pela “segurança ventral de uma igualdade segura”.

A atuação pela promoção da tolerância e do respeito para com as diferenças de todo tipo ocupa a primeira parte do volume, com seis capítulos. Três temas merecem destaque. Em primeiro lugar, o papel formador que a religião desempenha nas condutas e valores que repelem as injustiças e a opressão, na crítica aos dogmatismos e aos exclusivismos, tão ao gosto dos entusiastas do pós-*apartheid*. Depois, a exaltação de um valor comum às comunidades do continente africano, expresso na palavra *ubuntu*: a necessidade incontornável do estabelecimento e da restauração das boas relações humanas, no cotidiano pessoal, na vida social e entre as nações. Não há lugar para a discriminação, seja ela de gênero, classe, cor, religião, sexualidade e opinião. Por fim, derivado do *ubuntu*, a busca da reconciliação entre as vítimas da injustiça e da opressão na África do Sul. A reconciliação é pregada por Tutu como antídoto ao ressentimento e, para ele, perdoar não significa esquecer. A justiça deve ser restauradora, curativa, verdadeira. Quando Mandela criou a Comissão Verdade e Reconciliação, para apurar o racismo e a violência nos dias de *apartheid*, Tutu foi chamado a presidi-la. O ato de demonizar algozes é ineficaz, argumenta ele, na página 58:

*Perdoar significa reconhecer que alguma maldade aconteceu. Perdoar não significa tentar esconder a ferida. Perdoar significa que tanto a vítima quanto o culpado reconhecem que algo aconteceu. Existe, necessariamente, uma medida de confrontação. É comum as pessoas tentarem não encarar as outras. Porém, às vezes você precisa fazer com que a outra parte reconheça que fez algo de errado.*

As ideias e os argumentos de Tutu transbordaram para outros países africanos em situações de conflito, intolerância e violência. São abordadas situações vividas no Congo (antigo Zaire), na Etiópia, Nigéria, Quênia, Ruanda, Sudão, Uganda, Zimbábue. Ele se fez ouvir também em países da América Central, na Irlanda e em Israel. A identificação e a adesão da África do Sul ao mundo ocidental, fomentada e vocalizada por Tutu, adversário do comunismo, por ateu e materialista, valeu-lhe a confiança das grandes potências. O Nobel da Paz, em 1984, conferiu a Tutu visibilidade e trânsito internacional. A consciência cristã encontrou nele um vetor de ação pastoral em um continente pagão, ao qual o cristianismo chegou tardiamente na vida religiosa e o término da Guerra Fria descortinou uma crise de valores coletivos, morais e identitários.

Os três capítulos que compõem a segunda parte do livro estão dedicados precisamente às iniciativas internacionais que Tutu promoveu pela justiça, a tolerância, a fé e a paz. Ele tornou-se maior do que a luta *antiapartheid* e a ação pastoral da igreja. Alçado ao papel de porta-voz da África, que clama pela atenção aos oprimidos, refugiados, pobres e aos explorados, tornou-se um símbolo internacional dos novos tempos. Os tempos da paz e dos direitos humanos, como princípios da justiça social, em uma sociedade aflita e aterrorizada pelos efeitos perversos da globalização em curso. Na página 176, alerta Tutu, “os governos podem se tornar bestas”.

Seria um erro supor que Tutu é filho político desta conjuntura recente. Na terceira parte, os capítulos demonstram como a sua voz ecoava os preceitos de uma teologia negra, surgida na ação pastoral junto aos pobres, na busca de seus direitos à identidade e ao comando da vida pela própria população africana. A teologia negra é um fenômeno intelectual que, segundo Tutu, adquiriu o teor de uma “deslavagem” cerebral da opressão colonial, econômica e política. No caso sul-africano o *apartheid* sintetizava e erguia-se, escandalosamente, como o contraponto, aquilo que deveria ser vencido e superado. O oprimido e a sua libertação tornaram-se os pontos de partida e de chegada pelo qual se bateria a teologia negra. É por esta razão que Tutu acredita ter sido impelido para a esfera pública, sobretudo após tornar-se deão de Johannesburgo (1975), bispo anglicano de Lesoto (1976) e integrar o Conselho de Igrejas da África do Sul (1978). Foi esta consciência que lhe valeu a sabedoria política exibida nos últimos anos, exposta na parte final deste livro.

A ascensão pública de Tutu ocupou o vácuo político surgido quando as lideranças e os militantes opositoristas amargavam a clandestinidade, morte, prisão e exílio sob a dura

repressão. Coube às igrejas e aos seus próceres, em particular, expressar a insatisfação social com os deslocamentos e os reassentamentos forçados de mais de três milhões de pessoas, promovidos para atender às conveniências do capital na oferta e no controle da mão de obra na África do Sul. A memória histórica fez ressurgir os confinamentos em campos de concentração, estabelecidos pelos britânicos após as guerras de 1899-1902, contra os colonos de origem holandesa (os *africâneres*).

A tensão social e a crise econômica internacional na década de 1980 fizeram subir a temperatura política e a crítica *antiapartheid*, dentro e fora da África do Sul. Em 1984, o regime reformou a Constituição, tentando ampliar as suas bases sociais e a própria legitimidade. As manifestações públicas ganharam as ruas, ainda que sob a forte vigilância policial, e Tutu foi agraciado com o Nobel da Paz. A transição pacífica, sem banhos de sangue, passou a ser a bandeira política e tornou-se um desafio global após a Guerra Fria, conforme sugeriam os massacres, a guerra civil e as agruras da democracia na Rússia e em países da Europa oriental. A aura de Desmond Tutu irradiou-se sob os debates quanto aos destinos da humanidade e do planeta depois da queda do muro de Berlim.

Na parte quatro, os capítulos atestam o caráter interino da liderança de Tutu na África do Sul. Em 1994 a oposição reunida em torno do Congresso Nacional Africano, partido de Nelson Mandela, assumiu o comando político do país. É neste novo momento nacional que Tutu ecoa os novos desafios sul-africanos. O estabelecimento de uma “cultura da tolerância”, antes de tudo era, e continua sendo, o maior deles. A transição política, entre a saída de Mandela da prisão, em fevereiro de 1990, e a sua eleição, em abril de 1994, ceifou 14 mil vidas, mais do que o dobro dos mortos na crise final do *apartheid*. Os números impressionantes não estão restritos à política. As pessoas infectadas com o vírus HIV e portadoras de AIDS já ultrapassam a casa dos quatro milhões. O bem estar da população e a erradicação da pobreza continuam sendo uma promessa neste país que estipulou em 11 o número de suas línguas oficiais. A celebração da diversidade e da esperança na África do Sul ainda não se efetivou, apesar da ampliação do acesso à água, luz elétrica e às instâncias do Poder Judiciário. É preciso conter a violência, desarmar a população, organizar politicamente essa sociedade, viver e deixar viver, para reconstruir o país. Hoje, a África do Sul, esta “nação arco-íris”, diz Tutu, na página 227, ainda aguarda pelo dia em que irá “transformar em realidade a nossa liberdade”.